

Veloso pede acordo amplo

Rio — O ex-ministro Reis Veloso, autor de vários planos estratégicos durante o regime militar, diz que levou ao presidente Itamar Franco, recentemente, as conclusões de um fórum nacional que reuniu economistas e sociólogos de todo o País, no qual a principal preocupação era a inexistência de plano estratégico de longo prazo.

“O Brasil tem de ter um projeto de longo prazo que contemple o problema da produção e dos salários”. Para ele o novo plano tem de vir no bojo de um grande acordo social, que indique metas econômicas e sociais que o País precisa alcançar em termos de saneamento, construção de casas, ofertas de empregos, produção de alimentos, erradicação da miséria.

“As nações ricas conseguiram atingir estas metas com uma visão de maior distância e isso não é impossível para o Brasil”, observa.

O ex-ministro lembra que os planos estratégicos montados pelo Brasil possibilitaram um salto no setor industrial e uma modernização sem precedente na infraestrutura da Nação.

Na sua opinião, a década de 80 foi vivida sem planos e sem metas e não há resultado tão expressivo de que a Nação possa se orgulhar.

O ex-ministro Roberto Campos, um dos principais teóricos do movimento militar de 1964, acha que o Brasil não deve se preocupar com planos estratégicos de

longo prazo ou curto prazo.

Na opinião de Campos, o Brasil tem de combater a inflação, acertar corretamente as contas do Tesouro, fazer uma revisão constitucional para remover tudo que impede a vinda do capital estrangeiro, privatizar tudo e deixar o País seguir o rumo que cada setor empresarial definir.

Dinamismo — “As empresas, hoje, já estão pensando na frente 20 a 30 anos e não há como o Estado acompanhar esta dinâmica. Antes que o burocrata pense no que ele vai precisar a empresa vai chegar com a proposta na mão”.

“O plano de longo prazo morreu”, afirma Campos. “O mundo é dinâmico e ninguém consegue prever com segurança qual será a tecnologia dominante em 2.020”, comenta.

Para Roberto Campos, os planos decenais e quinquenais não deram certo nos países de economia centralizada e nas nações capitalistas que seguiram este caminho.

“O que há de mais moderno no mundo de hoje é a abertura da economia, a competição acirrada e o investimento pesado em educação e saúde.

Roberto Campos disse que o Estado tem de planejar as questões relativas a educação, saúde e bem-estar social. “Pode liberar a área de energia, serviços, transporte a ficar no caixa cobrando imposto”, conclui.